O CANDOMBLÉ DE TRADIÇÃO BANTU ANGOLA E SUA INCLUSÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO, COM BASE NA LEI 10.639/2003/PR.

JEUSAMIR ALVES DA SILVA

Jeusamir Alves da silva (Tata ia Mukisi Anange).[1]

RESUMO

A importância da inclusão do Candomblé Bantu Angola e da cultura do seu povo no ensino fundamental e médio surge pelo fato de se ter poucas informações importantes sobre o assunto, Embora, tenham sido os primeiros escravos aqui chegados dando formação a partir dos Calundus ao atual Candomblé de Angola, (MOTT,1997). Como primeira vertente negra introduziu e até mesmo doou conhecimentos de suas tradições e religiosidade à cultura de outros povos posteriormente chegados. A metodologia utilizada baseou-se em entrevistas concedidas por sacerdotes e sacerdotisas do Candomblé Bantu Angola, cuja oralidade em muito contribuiu para esse trabalho bem como as pesquisas em livros acadêmicos cujos autores: FREYRE (2006), PRANDI (1991), RAMOS (1934), SCISÍNIO (1997) e outros, deram o embasamento necessário ao tema, além de visitas de campo. Como resultado, a partir desse recorte sobre a religião, adentrou-se na magia que envolve suas crenças, apresentando uma compreensão fácil da cultura ancestral e dos ritos às suas divindades que não são as mesmas do Candomblé de Ketu ou de Gêge, porque acontecem algumas poucas coincidências, porém, não semelhanças ou correspondências, além das suas entidades (caboclos), da união com povos indígenas brasileiros inseridos no seu panteão. Desta forma concluiu-se a existência da grande diferença de linguística, costumes e tradições entre o Candomblé de Angola de origem Bantu e os Candomblés de Gêge e Ketu de origens Fon e Yoruba, respectivamente.

Palavras-chave:

Candomblé Bantu Angola. Inclusão. Kimbundu. Gêge. Ketu. Angoleiro.

Introdução

Este trabalho tem por finalidade principal, aproveitar o “gancho” na Lei. 10.639/2003/PR que obriga o ensino da história do Negro na África e no Brasil no ensino fundamental e médio. A idéia é Incluir o Candomblé de Tradição Bantu Angola, até agora fora do contexto e, instrumentalizar o educador para os trabalhos com os conteúdos sobre o ensino do mesmo e, atrelada a este, a sua cultura, também, omitida pela História do Brasil durante todos estes anos.

Mesmo sem a visibilidade merecida, o Candomblé de Tradição Bantu Angola é cultuado até hoje, nas regiões brasileiras, porém na maioria das casas, ainda travestindo os akisi (pl. de mukisi), de orixás. Através de uma nova ótica, adeptos e

[1] Pós graduação em “História e Cultura Afro-Brasileira” pela UCAM. Pós Graduação em Ensino de História pela UCAM. Pós Graduação em Ciências da Religião pela UCAM. Graduado em História pela UNOPAR, Extensão universitária “O POVO BANTU pela UERJ. Presidente Nacional da CNCACTBB (Confederação Nacional dos Candomblés de Angola e dos Costumes e Tradições Bantu no Brasil). Presidente da CRBNDM (Casa Raiz do Benge NGola Djanga ria Matamba). Liderança Nacional Religiosa do Candomblé Bantu Angola.

simpatizantes, alguns com formação acadêmica, buscam "*in loco*" a sua verdadeira identidade. O propósito desta busca, além dos já citados é livrar essa religião do fantasma da extinção que a ronda ultimamente. Também, fornecer, um conteúdo mais aprofundado para a apropriação dos alunos do ensino fundamental e médio, com a finalidade de torná-los novos agentes na divulgação e defesa da existência do Candomblé Bantu Angola e da sua cultura. Assim, estas pesquisas nas origens angolanas, associadas a algumas aqui já implantadas através dessa nova ótica ajudam, a preencher esta grande lacuna na História do Brasil. Trata-se de fazer justiça ao papel preponderante do negro bantu, não só pelo trabalho braçal, mas, exaltando as suas técnicas refinadas de engenharia, o uso e preparação de metais; assim como a sua contribuição na construção da nossa língua.

È uma área bastante desprovida de estudos, pois muito pouco nesse sentido foi realizado. Os primeiros pesquisadores do africano no Brasil afirmaram não ter encontrado elementos de peso nessa cultura. Com base nessa afirmação, a atenção dos estudiosos seguintes foi desviada para os sudaneses, em detrimento dos bantus. Essa idéia lançada por Nina Rodrigues foi copiada por seus discípulos Edson Carneiro e o próprio Arthur Ramos, ao concordar com a mítica paupérrima deste povo. Apoiaram a afirmativa de seu mestre, a ausência total de mitos cosmogônicos e fundadores motivo pelo qual se apropriaram da mítica e dos rituais nagô (RAMOS,1934).

Entretanto, durante o desenvolvimento deste artigo, de acordo com os referenciais teóricos de autores discordantes e concordantes ficará comprovado o papel dos bantu na formação do Brasil. No sentido de valorizar este trabalho acadêmico, foi realizada uma pesquisa literária que envolveu os autores: ADOLFO (2010), ANGELO (2013), FREYRE (2006), LOPES (2012), MOTT (1997), PRANDI (1991), RAMOS (1934), REDINHA (1958), RIBAS (1958), RODRIGUES (1976), SCISÌNIO (1997) e, VERGER (1980).

Desenvolvimento

Arrancada de seus Reinos na Mãe África e introduzida no Brasil pelo processo colonial escravista, a população negra está dividida em três vertentes. A primeira a trazida no século XVI, os BANTU. Palavra, segundo a tradução dos padres jesuítas, BA prefixo da língua Kimbundu que significa muitos e UNTU corresponde a corpo, homem, indivíduo, pessoas ou tribo, (MAIA, 1961). Provenientes da Guiné que era todo o território próximo ao Oceano Atlântico, um pouco acima do Cabo Roxo, precisamente, uns 12° latitude Norte até o Cabo Negro, nos limites de Angola, aproximadamente a 16° Latitude Sul, de modo que, os 99% dos escravos destinados a toda América podem ser oriundos de qualquer parte desses 28° de Latitude, (Guiné e Angola), segundo escritos antigos, e não da Guiné atual e nem do Golfo da Guiné. Segundo Scisínio (1997, p.144), "o Brasil assinalou o recorde americano no tráfico de escravos importando perto de 40% do total de nove milhões e quinhentos mil negros transportados para o Novo Mundo". O negro bantu veio para trabalhar nas lavouras de Cana de Açúcar, Café e Algodão. A segunda vertente chegou no século XVII, a dos Gêges ou Fons. A terceira foi a dos Nagôs ou Iorubas, no século XVIII,

A população negra bantu sempre desempenhou um papel preponderante em todas as fases de produção de riquezas e do desenvolvimento do Brasil. Da expansão tecnológica angolana, usada largamente na agricultura inclusive com o crescendo da atividade têxtil, a criação de gado, até a construção das estradas de ferro e cidades, fatos esses que levaram o Brasil a ser reconhecido como nação no exterior. Da criação da cultura representada pelo acervo material e imaterial através da culinária, (FREYRE, 2006), ao folclore afro-brasileiro representado pelos usos e costumes em sua maioria vindos de Angola como o samba, capoeira, maracatu, jongo e seus derivados. Da atenção com a saúde pelas comunidades religiosas representadas pelos Akisi dos candomblés de origem Bantu-Angola, através das ervas medicinais do dos frutos e das folhas sagradas. Conforme Scisínio,

> ABACATE – s.m – *1*. Fruto do abacateiro. É diurético, desobstruinte dos rins e, na farmacopéia catimbó, dado como sucedâneo da catuaba, estimulante sexual; tostado o caroço combate a diarréia e a desinteria. 2. O mesmo que *abacateiro* ABACATEIRO – s.m. – Planta laurácea (*Pérsea americana*) usada pelos escravos como curativa. O chá das folhas, além de afrodisíaco, combate a dor reumática e a da gota. ABACAXI – s.m. – Planta bromeliácea (*Ananas sativus*) que os escravos empregavam como expectorante e digestivo. (SCISÍNÍO, 1997, p.9),

até a construção da nossa língua, como “nação mãe”, juntamente com o índio e o português. Mesmo assim, a História omite este grande capítulo, pois não explicita qual foi a vertente negra que participou ativamente na construção desse processo.

Segundo Ribas (1958, p.21), “o Kimbundo em particular, influenciou fortemente o português falado no Brasil. A língua bantu marcou na realidade um lugar notório no processo de transculturação Afro-Americana. Os insaciáveis apetites dos plantadores brasileiros tinham fome de negros e mais negros. Angola se tornou, deste modo a energia da produção brasileira. A cristianização dos negros vindo de Angola e Congo se deu na África, eles aqui chegaram em sua grande parte já cristãos e falando português. Para Redinha, uma intensa cristianização foi se sobrepondo a um extrato remoto das crenças naturais, que desde os dias da descoberta se popularizaram sob nome de feitiçarias, como sinônimos de idolatrias. Segundo ele, a presença do cristianismo desenvolveu uma importante divulgação da língua e da escrita motivando-a para de mudança de crença, a adaptação de novos usos e costumes. (REDINHA, 1958). Por essas razões não devemos estranhar o fato de termos tantas palavras em português nas cantigas usadas no Candomblé de Angola, como: Jesus, Maria e José, cálice bento, hóstia consagrada, rosário de Maria, que servem como tema para esses cânticos. Isto não significa que tenham sido inventadas no Brasil ou nos Candomblés de Caboclo como a maioria pensa. Não são africanos os angolanos que chegam hoje no Brasil falando português?

Um dos motivos que gerou a discriminação do negro de origem sudanesa para com o negro bantu foi o fato de terem sido iniciados os estudos sobre a religião negra na Bahia, ponto onde o tráfico de escravos naquele momento foi principalmente de negros sudaneses, o que veio influenciar todos os trabalhos posteriores sobre o assunto. O fortalecimento, desta discriminação, dentro da própria raça acontece por conta de atos como o de 14 de dezembro 1891, quando Ruy Barbosa, então, Ministro da Fazenda, mandou queimar os Livros de Matrículas de escravos existentes nos cartórios das comarcas e registros de posse e movimentação patrimonial envolvendo todos os Escravos, bem como os livros das

fazendas, o que foi feito ao longo de sua gestão e de seu sucessor. Só que com esse ato foi destruída grande parte do acervo sobre a introdução do povo bantu. (SCISÍNIO,1997, p.147).

Também o comportamento de alguns estudiosos, a começar pelo emérito médico psiquiatra, legista, professor e antropólogo, Dr. Raimundo Nina Rodrigues, (Vargem Grande - MA, 04/12/1862 - Paris 17/07/1906), autor, dentre outros, dos livros: “O animismo fetichista dos negros na Bahia e “Os africanos no Brasil” sendo precursor do estudo das religiões afrodescendentes na Bahia, alheio à realidade, não percebeu o mundo Banto-Angola que o rodeava, se interessando apenas pelos Nagôs que chegaram quase três séculos depois.

Para Silva:

> O bom senso não nos permite aceitar que seres humanos oriundos de outras terras tendo suas próprias crenças e costumes, em mais de 150 anos não conseguissem implantar seus hábitos religiosos onde viveram por várias gerações participando ativamente na construção da língua brasileira. Será que teriam que esperar a chegada dos sudaneses para copiar seus deuses? (SILVA, 2010, P. 12).

Na época desse primeiro estudo encomendado sobre o negro eram os Nagôs ou Sudaneses, que estavam em evidência em Salvador. Mesmo cercado pelos diversos bairros como, Cabula, Calabetã, Muriçoca, Beiru, Curuzu; embora comendo quiabo, maxixe, jiló, caruru; ou ouvindo e pronunciando palavras como, quenga, neném, bagunça, quitanda, Zumbi, Ganga Zumba, trambique, marimbondo, Muçurungos, mesura, muxoxo, cachaça, banda, e etc, ignorou esses vocábulos da língua Kimbundu, (LOPES, 2012). Aliás, é bom observar a ausência de elementos de origem Fon (língua da Nação Gêge) e Yorubá (da Nação de Ketu) na construção da língua brasileira (negro, índio e europeu),

Quem frequenta ou conhece as Comunidades de Terreiro sabe da discriminação secular dos candomblés de origem Gêge e Ketu em relação aos candomblés de origem Bantu-Angola. Mas, quem não conhece, nem imagina a existência de mais de uma modalidade de candomblé no Brasil, muito menos sobre essa discriminação entre as religiões de matriz-africana, pensam como se tudo seja uma coisa só.

Ao cumprir-se a Lei 10.639, março/2003-PR, quando pende-se, principalmente, para o lado religioso, observa-se que a capacitação dos professores foi e, é única exclusivamente sobre o Candomblé da nação de Ketu. Aprendeu-se que orixá significa o santo. Todavia desconhecem que no Candomblé de Angola, o santo é chamado de Mukisi (kimbundu) ou Minkisi (kikongo), desconhecem que Ogum dos candomblés de Ketu é conhecido no candomblé de Angola como Mukumbi e Inkocy e assim sucessivamente. Fica, então, a idéia da religião dos negros vindos da África, não importando de qual país, ser uma só, o Candomblé de Ketu, engolindo até o próprio candomblé Gêge, origem Fon, cujo santo é chamado de Vodun.

E assim, mais uma vez, o Candomblé tradição Bantu-Angola e a história um povo que deu o, seu sangue, para a formação do nosso país são relegados ao ostracismo, não sabemos, por mais quantos quinhentos e tantos anos. Há décadas,

escutamos queixas, e lamentos sobre esse menosprezo que em muitas vezes termina em debandada para outros segmentos religiosos. É comum ouvir de alguns praticantes do Candomblé Gêge e Ketu as seguintes expressões: ” Candomblé de Angola é Umbanda Melhorada”, “Umbandomblé”, “Curimba”, “Milongado”, “Aportuguesado”, “Bandangola” e, etc. Segundo Pierre Edouard Leopold Verger (Paris, 04/11/1902 – Salvador BA, 1902/1996), fotógrafo e etnólogo autodidata, Babalawo (sacerdote yoruba), o Candomblé de tradição Bantu Angola, não tem língua própria, culinária própria, vestimentas próprias, cantam muitas cantigas em português, não tem santo próprio. Percebe-se aí, a discriminação de Verger sobre o assunto, ou o desinteresse do mesmo, preferindo seguir a opinião de Nina Rodrigues sobre os bantu. Um grande engano!

Na religião tradicional de origem Bantu, acredita-se num Deus supremo, sem início ou fim. Este Deus permanece e não é distante e nem indiferente. É Nzambi Apungu no idioma kimbundu, o mesmo Olorun ou Olissaça, em linguagem de origem Sudanesa. O próprio NZAMBI APUNGO (Deus Todo Poderoso) se desdobra em:
NDALA KARITANGA, (divindade da criação dos seres e da vida).
NKUKU A LUNGA (divindade das práticas oraculares, Jingombo (búzios)
NZAMBI SAKATANA (Deus Poderoso e Criador).
NLEBARANGANGA (divindade do equilíbrio entre a terra e as águas).
NLEMBAENGANGA (divindade da evolução dinâmica dos seres, dos reinos e das coisas).
NLEMBA KUTANGO (divindade dos frutos e frutas).
NYAMAKARE (divindade da inteligência humana).
TATA KALUNGA (divindade dos mares).
TATA KULE (divindade do nascer do sol).
KAJAPRIKU (divindade da noite).
JAKATAMBA (divindade da luz lunar, sua presença se anuncia por uma auréola formadas ao redor da lua).
KASSUTE (divindade dos primeiros raios de sol da manhã).
KILAMBA KIAXI (divindade assexuada ligada a raça humana, mãe de todas as cabeças).
GANGAIOBANDA (divindade responsável pelo surgimento da raça humana).
NGANGA MALEMBA (divindade da luz solar).
TATA MBIOKA (divindade dos moluscos).
TATA NGANGA MUNGANGA /TERA MUNGANGA (divindade da transição do dia para a noite).
KUMENEMENE (divindade da madrugada).
KALUNGANZIMBI (divindade da morte e transformações da matéria). Segundo o Tata Maganza Quejido Makuro, professor Angelo Alfredo, facilitador do curso “O Povo Bantu, Mitos e Deuses africanos de Angola. UERJ/PROEPER/CSS”, e outros sacerdotes, citados na referência deste trabalho como relatos orais, as divindades chamadas de MPANGO BAKURU, são aquelas que participaram da cosmo gênese, isto é, da construção de todo o universo, todavia, mesmo possuindo cultos e rituais específicos, não são iniciadas ou confirmadas nos seres humanos, não possuíram de modo algum vida terrena, são constituídas por energias totalmente puras da natureza com alta gama de vibrações, participantes diretas nos processos de criação, manteneção e outras que se comportam com real ativismo nas transformações e degradações que finalizam o ciclo vital dos seres e que possuem importantes intervenções nos reinos mineral, vegetal, animal e em especial no

hominal. **Divindades criadoras** aquelas que participam da criação do nosso universo e que são responsáveis por tudo que existe e habita nele. **Divindades mantenedoras** aquelas que têm como função principal, distribuir e zelar pela continuidade de toda criação atribuída no planeta procurando mantê-la em perfeito equilíbrio e harmonia, para que possa encontrar o continuísmo de sua existência mantendo a presença do poder divino em constante presença. **Divindades transformadoras** aquelas que têm ligação objetiva e direta com os seres humanos, atuando nos ciclos do nascer, crescer, viver, expandir, proliferar, aprender, envelhecer com sabedoria e experiência, permitindo a busca pela lapidação dos defeitos e aprimoramento da evolução da obra considerada da criação. **Divindades degradadoras** aquelas que estão associadas ao ciclo do **FIM**, a morte que pode ser entendida como um dos propósitos da transformação, mas, suas principais funções estão em receber os corpos ou outros materiais orgânicos na terra, onde atuarão na deterioração das matérias, se alimentando dos líquidos da putrefação, consumindo a carne dos corpos até só restarem o esqueleto e os cabelos que não são absorvidos pela decomposição, de modo que após certo tempo possam ser devolvidos para a superfície, demonstrando desse modo o fim de um ciclo existencial, de forma que durante todo o trajeto ocorrido nesse processo, permita que a alma se evole do corpo morto e o espírito inicie a sua viagem de retorno para a Aldeia Encantada de Deus, SANZALA KASEMBE NDIÁ NZAMBI, onde será decidido o destino que será outorgado aquela alma e espírito , palavras que embora sejam entendidas como semelhantes, mas, não são idênticas, haja vista, que alma (MWONU) refere-se ao conjunto de emoções sentidas pela essência energética durante o processo da vida, e espírito KILULU), trata-se da energia vital que deu forma e vida ao corpo durante sua existência terrestre. (ÂNGELO, 2013).

Abaixo, estão relacionadas às divindades secundárias cultuadas nas várias regiões com a presença de povos Bantu Angola incluindo muitas delas o uso das máscaras (mikange – pl de mukange), segundo Adolfo e Angelo, estes, além de professores universitários, são sacerdotes do Candomblé Bantu Angola.

divindades relacionadas as encruzilhadas.
Bionatã, Bombogiro, Burunganji, DundoSalunga, Etajelunji, Ganga Pambunguera, Imbeberekiti, Igo Mavan, Jiramavambo, Jiramanako, Jiramavile, Jujuku, Kinjanjá, Kakurukaio, Kamungo, Korobo, Kunibaro, Kunkurunguanje, Mavambo, Mavilutango, Marambo, Malungu, Mavile, Malusibango, Nigero, Pambungila, Sigatana, Sinzamuzila, Tibiriri.
divindades associadas à ingestão e restituição dos alimentos, aos movimentos que interligam o Céu (Nduílo) e a Terra (lungo), bem como aos ciclos do nascer, crescer, transformar, propulcionar e comunicar.
Aluvá ou Aluvaiá, Apavenã, etc.
divindades relacionadas à guerra, as conquistas, a proteção das aldeias.
Alunda, Biolá, Buré, etc.
divindades associadas à caça e a subsistência das comunidades.
BaranguanjeBarangunanje, Burungunso, Gongobila, Ka Mbila, Kabila Mutalambo, etc.
divindades associadas aos alimentos, em especial as sementes (cereais) que carrega nas jinbimba (cabaças) para aplacar a fome do mundo, mas também, relacionadas as ervas sagradas e curativas.
Ambuké, Amokun, Apokan, Diabanganga, katende, etc.

divindade da Terra, dos tubérculos, da transformação, do início e o fim dos ciclos. Kaviungo, Kijenje, Kimbongo, Kincongo, Kissanje, Kitungo, Insumbo, Iungo, etc.
divindades associadas aos ciclos das águas das chuvas e ao Arco Íris.
Angoro, Angoroméa, Angoromean, Angoro Semavula, Anvulá, Gongoa, etc.
divindades relacionadas ao fogo.
Luango, Lubango, Luvango, Lwaangu, Nzage, Kibuko, Kiambo, etc.
divindades relacionadas com o clima, ventos, estações do ano, cheias e vazantes dos rios, lagos e mar, plantio e colheitas.
Abananganga, Apananga, (outono), Amuraxó, Dambwa, Kaiti, Kitembu, Kidimbanda, Lembura, Maawila (inverno), Makurá, Mavile, Mavalu, Muilu (primavera), Murunganga (verão), Ndemba (feminino), Ndembu, Ntempu, Tembwa, Sangole, Sumbungole, Zalu.
divindades relacionadas aos ventos das tempestades.
Abasulemi, Angurussema, Anvula, Bamburussema, Daminajo, Gunga, Isa Sitamba, Jonjure, Kaango Munhenho, Matamba, Mavanju, Sinavanju, Sinavulu, etc.
divindades associadas as águas doces e plácidas, responsáveis pela flora e fauna dos rios.
KambaLasinda, Kaeté, Keamaze, , Kissimbe, Kitolomi, Takumbira, Vinsin, etc.
divindades do encontro de rios de águas doces, responsáveis pelas tartarugas aquáticas (Jimbaxi, singular mbaxi).
Kissalunda, Lundamudila, NdandaDalú, NdandaDila, ,Ndanda Lunda, etc.

Observação: KARAMOSE é a divindade dos rios que representam turbulência em razão dos seus leitos pedregosos. Possui ligações comas aves de rapina e serpentes.
divindades associadas às águas do mar.
Inae, Kaiá, Kaiála, Kaitumba, Kalunga, Kassinga, Kianda, etc.
divindades associadas as às guerras e aos elementos ar e fogo.
Mbaka, Minalungandu, Muanzu, Kitamba, Kulekuka, Kutema, etc.
divindade associada às águas, a terra, e a lama, a fertilidade da agricultura.
Ajassi, Gangazumba, Jejessu, Kambambe, Mam'etu Zumbá, Zumbarandá, etc.
divindades do sol, da luz, da inteligência, da espiritualidade.
Ajalupongo, Dondo, , Hemakalunga, Jafurama, Jamafurama, Kassulembá, etc.Todo este panteão de divindades secundárias, (AKISI/MINKISI), proporciona a formação de mais de 250 caminhos ou variações, algumas pessoas equivocadamente denominam de qualidades de santo. (ADOLFO, 2010, pg. 110-113).

Devemos lembrar ainda que etnias como os Cabindas e Ovibundus se dedicaram ao pastoreio de bovinos em sua terra natal, onde, também, eram considerados excelentes marinheiros. Tal fato nos lembra as entidades vaqueiras e marinheiras cultuadas no candomblé de caboclo que faz parte do ritual bantu, são eles os Caboclos Boiadeiros e Marinheiros que de acordo com Redinha, podem ter vindo de Angola e não necessariamente, segundo Prandi, serem só do Brasil, (REDINHA, 1958, 45).

A divulgação deste trabalho será o respaldo indispensável para resgatar o interesse sobre o tema no meio acadêmico. Conquista essa que virá legitimar, automaticamente, o propósito de inclusão no ensino descortinando toda sua influência quanto à gastronomia, musicalidade, religiosidade e até mesmo na

formação da língua portuguesa falada no Brasil. Observou-se que Gilberto Freyre em seu livro "Casa Grande e Senzala, sendo senzala, um nome de origem banto, defende, embora, de maneira implícita, o papel dessa etnia usando palavras como, mazombo, dendê, quiabo, que são vocábulos da língua Kimbundu, que compõe o português brasileiro. Afirma Freyre:

> Um traço importante de infiltração de cultura negra na economia e na vida doméstica do brasileiro resta-nos acentuar: a culinária. O escravo africano dominou a cozinha colonial, enriquecendo-a de uma variedade de sabores novos. " da áspera cozinha do caboclo, escreve Luiz Edmundo, ao passarmos a cozinha laudável do **mazombo** veremos que ela nada mais era que uma assimilação da do reinol, sujeita apenas às contingências ambientes". Palavras injustas em que, vem esquecida como sempre, a influência do negro sobre a vida e a cultura do brasileiro. No regime alimentar brasileiro, a contribuição africana afirmou-se principalmente pela introdução do azeite de **dendê** e da pimenta malagueta, tão característicos da cozinha baiana; pela introdução do **quiabo**; pelo maior uso da banana; pela grande variedade na maneira de preparar a galinha e o peixe. (FREYRE, 2006,.pp.541,542, grifo nosso).

.

Mas nos últimos anos, tem havido uma nítida preocupação por parte de alguns estudiosos angoleiros com o resgate das tradições Bantu, sendo um dos motivos principais, a relação sincrética que o Candomblé de Angola mantêm com o Candomblé de origem sudanesa, e o desejo de voltar a ter um caráter e uma cara propriamente Bantu, já que o Candomblé de Angola é uma religião completa e não precisa se utilizar da linguagem e de determinadas práticas ritualísticas das outras nações de Candomblé, por exemplo as do Candomblé de Ketu, de origem sudanesa, vem exercendo um poder absoluto, enquanto nação, sobre os demais.

Esta necessidade de entender o processo religioso bantu e esse fato novo de acordar para a realidade atual é em parte, consequência da guerra de libertação e da independência do país de Angola, que deu assim visibilidade a esse espaço geográfico, o país de Angola, exaustivamente divulgado pela mídia escrita e televisiva no Brasil. Os intercâmbios comerciais e de pessoas entre Angola e Brasil facilitaram o aprendizado de línguas africanas – kimbundu e kikongo e a presença de estudantes, comerciantes e até ex-guerrilheiros angolanos entre nós, permitiu aos brasileiros conhecer uma realidade física, geográfica e lingüística que até então estava circunscrita ao terreno do mítico e do religioso. (ADOLFO, 2010). Além disso, o episódio de ser Angola o primeiro país africano a eleger uma Miss Universo, Leila Lopes, natural da província de Malanje, concurso realizado aqui no Brasil em julho de 2011, fato divulgado exaustivamente pela mídia e que agradou em muito a maior parte da humanidade.

> Angola, portanto, agora para eles, passava a existir geográfica e politicamente. Era uma terra de onde vinham pessoas e mercadorias. os terra mítica de outrora, conhecida apenas através da fala dos pretos-velhos caboclos, transformou-se em realidade palpável, terra dos Kimbandas e das práticas litúrgicas corretas e não milongadas como no Brasil. O arsenal litúrgico bantu, que resultou da assimilação dos outros arsenais queto e gege no intuito de suprir as demandas religiosas próprias poderia a partir de então preencher suas lacunas religiosas com elementos próprios,

> legítimos e autorizados, uma vez que, ir a Angola tornava-se uma possibilidade cabível, (ADOLFO, 2010, p.47).

Os inúmeros motivos que justificaram esta produção acadêmica juntam-se com a resposta ao ofício/002/2011/CNCACTBB (Confederação Nacional dos Candomblés de Angola e dos Costumes e Tradições Bantu)/CRBNDM (Casa Raiz do Benguê Ngola Djanga ria Matamba), enviado ao Gabinete Particular da Presidência da República solicitando apoio na inclusão da cultura bantu no ensino básico. De lá encaminhado para o MEC (Ministério da Educação) pelo ofício COR/GP/PR: 1272/2011 de 08/09/2011 para análise e devidas providências. Daí, o ofício resposta do MEC a CNCACTBB/CRBNDM, nº 2962/2011/DPECAD/SECADI/MEC, com parecer favorável considerando a proposta relevante, encaminhando a sua temática aos Fóruns de Diversidade Étnico-Racial, para avaliação e orientação ao sistema de ensino, respostas comprovadas por cópias anexadas neste projeto. (vide anexos A, B e C).

De acordo com os dados fornecidos pelos autores que fundamentaram teoricamente esta pesquisa observou-se: de um lado Nina Rodrigues e seus discípulos Edson Carneiro, Arthur Ramos, além de Pierre Verger, como construtores de uma imagem negativa sobre os Bantu, aqui representados por um referencial teórico de Arthur Ramos.

> [...] tal foi a influência dos sudaneses na Bahia, pelo número e pela maior riqueza dos seus elementos míticos, originando uma espécie de religião geral gêge-nagô, que o próprio Nina Rodrigues teve as suas vistas desviadas de qualquer outro tema negro religioso que não fosse gêge-nagô, muito embora tivessem entrado também negros bantus, principalmente, angolenses na Bahia. (RAMOS, 1935, p. 76).

De outro lado destacou-se um excelente trabalho através de José Redinha, Oscar Ribas, Alaor Scisínio, Ney Lopes, Luiz Mott, Ângelo Alfredo, Sérgio Adolfo, Gilberto Freyre, Reginaldo Prandi e outros, aqui representados por um referencial teórico de Gilberto Freyre desconstruindo essa idéia negativa sobre os Bantu, ao comprovar a sua capacidade e participação na argamassa dos pilares que construíram este país. Ressalta-se, uma palavra da língua Kimbundu (origem bantu), a qual, dentre tantas outras foi ignorada por Nina Rodrigues, por não ser de origem gêge-nagô. Todavia, com Freire, mesmo sem este revelar as suas origens, estas são largamente usadas em seu livro, a começar pelo título "*Casa Grande e Senzala*". É uma palavra da língua Kimbundu. Afirma Scisínio em seu livro ***"****Dicionário da Escravidão****"***:

> SENZALA – S.F. – 1 Moradia coletiva de escravos, construída geralmente, nos fundos da casa senhorial. 2 Alojamento ou conjunto de alojamentos destinados aos escravos de uma fazenda, e Joaquim Nabuco dizia ser " grande pombal negro"[...] O termo vem do quimbundo sanzala='povoação' (SCISÍNIO, 1997, p. 297).

Conclusão

Neste trabalho teve-se a oportunidade de apresentar subsídios embasados em referenciais teóricos, de autores comprometidos com o tema em pauta e relatos orais de sacerdotes e sacerdotizas do Candomblé Bantu Angola. Foi iniciado o processo de desconstrução da imagem negativa do negro bantu rotulada pelo precursor do estudo do negro no Brasil. em relação aos negros bantus introduzidos como escravos no Brasil. Falou-se da sua chegada, do seu importantíssimo papel na construção da nossa nação e da omissão da sua história na História Brasileira. Citou-se a sua culinária, medicina, caseira, trajes e adornos sagrados, a religião com seu panteão de Akisi (santos), fator preponderante para se conhecer a cultura de uma sociedade.

Graças a essa pesquisa recente, alguns terreiros de origem Bantu Angola começam a banir radicalmente os costumes e tradições copiados dos Candomblés de Gêge e de Ketu. De volta as suas raízes aboliram os luxuosos trajes de orixás no estilo europeu tipo roupas de rainha medieval, por roupas de tecidos mais simples, capacetes de soldados da antiguidade e coroas pelas tradicionais máscaras angolanas, as famosas Mikange (PL. de Mukange). Ainda são poucos, mas já despertam nos outros o interesse em assumir as suas verdadeiras identidades. Voltaram a chamar de Akisi os orixás. A palavra axé de origem yorubá, tão divulgada pela mídia foi substituída por Nkusu (força), as línguas Kimbundu e Kikongo voltaram a serem usadas largamente, dentro desses candomblés, em detrimento da língua Yorubá. Na verdade, estes são os resultados até agora alcançados mediante contribuições orais de um pequeno grupo de competentes sacerdotes e sacerdotisas, e acadêmicos que lutam contra a extinção do Candomblé Bantu Angola.

Por isso, este tipo de TCC (trabalho de término de curso) escolhido pela UCAM/PROMINAS (Universidade Candido Mendes e Grupo ProMinas)) vem de encontro aos anseios desse povo, ao tratar-se de um Artigo Científico cuja função é a divulgação, no caso específico do Candomblé de Tradição Bantu Angola a sua inclusão no ensino fundamental e médio, com base na lei 10.639/2003/PR. Com mais esta decisão acertada na escolha do Artigo Científico como TCC, a UCAM/PROMINAS sai na vanguarda em defesa da inclusão, visibilidade e o devido respeito a esse povo. Ao permitir o tema em questão assume a liderança de principal agente no preenchimento desta lacuna histórica de quase quinhentos anos, sobre o papel do negro bantu na construção do Brasil.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, Paulo Sérgio, “*Nkissi Tata dia Nguzu, estudos sobre o candomblé Congo-Angola”*, Editora da Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2010.

ANGELO, A.***: “O Povo Bantu, Mitos e deuses africanos de Angola: as influências culturais e religiosas Brasil/Angola”*** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Sub reitoria de Extensão e Cultura (SR-3), departamento de Extensão, PROEPER,CCS, 2013.

FREYRE, Gilberto. "*Casa grande e senzala",* 51ª ed. São Paulo. São Paulo editora. 2006.

LOPES, Ney*. "Novo Dicionário Bantu do Brasil"*, 2ª. Rio de Janeiro Ed, Pallas 2012.

MAIA, Da Silva, Antonio, Padre, *Dicionário Complementar Português – Kimbundu – Kikongo*: línguas nativas do centro e norte de Angola, Tipografia das Missões, CUCUJÃES - 1961.

MOTT, Luiz. **"***Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*".In: Laura de Mello e Souza (org). *História da vida privada no Brasil.*São Paulo: Companhia das Letras, 1997, vol.1.

PRANDI, Reginaldo. "*Os Candomblés de São Paulo"*. São Paulo, EDUSP, 1991.

RAMOS, Arthur. *"O Negro Brasileiro"***,** 1ª. Ed. RJ, Biblioteca de Divulgação, setembro de 1934.

REDINHA, José. *"Etnossociologia do nordeste de Angola"*,Agência Geral do Ultramar, 1958.

RIBAS, Oscar*, Ilundo* - 1958.

RODRIGUES, Nina. *"Os Africanos no Brasil"*, 4ª. Ed. São Paulo: Cia Editora Nacional - 1976.

SCISÍNEO, Alaôr, Eduardo. *"Dicionário da Escravidão"*,1ª.ªEd. RJ, Léo Christiano Editorial LTDA - 1997.

SILVA, Jeusamir Alves da. "*Angola Nação Mãe*". Caxias. Gráfica Maná Betel.2010. Convênio Nº. 719027/2009/SEPPIR/PR. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Internacional standart Book Number (ISBN):978-85-91637-0-0. Escritório de Direitos Autorais, Registro: 450-501 Livro:846, Folha:161.

VERGER, Pierre**, ",***Retratos da Bahia",* Salvador,: Editora CurrupioLtda, 1980.

Tatas e Mam'etus, (estas fontes se utilizaram de relatos orais, como de costume na tradição africana de transmitir o conhecimento):

Bernardino Bate Folha (Fundador da Raiz Bate Folha).

João Alves Torres Filho (Joãozinho da Goméia) Fundador da Raiz Goméia

Mãe Riso da Plataforma. Salvador BA e Nilópolis,RJ..

Mãe Risoleta (Mam'etu Nanga Kovi) (Raiz Goméia).

Mam'etu Kitala Mungongo. (Raiz Goméia).

Mam'etu Mabeji (Raiz Bate Folha).

Mam’etu Mulunderi (Raiz Tumbajussara).

Mam’etu Saundê. (Raiz Tumbajussara).

Mam’etu Sissimbe do Banco de Areia, (Raiz Bate Folha).

Miguel Grosso (Deuandá) Raiz Goméia.

Pai Siriáco (Tata Ludiamungongo), Fundador da raiz Tumbajussara).

Tata Kambono Nelson Uazê (Raiz Tumbajussara).

ANEXOS

ANEXO – A Ofício/002/2011/CNCACTBB

12.148.739/0001-24
CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS CANDOMBLÉS DE ANGOLA E DOS COSTUMES E TRADIÇÕES BANTU NO BRAS
RUA VALDEMAR VAGO, Nº 90
JARDIM CORUMBÁ, CEP – 26.042-000
NOVA IGUAÇU – RJ





CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS CANDOMBLÉS DE ANGOLA E DOS COSTUMES E TRADIÇÕES BANTU NO BRASIL
CNPJ: 12.148.739/0001-24. Fundada em 27/03/2010 pela Plenária do I seminário Nacional dos Angoleiros do Brasil/Convênio nº 719027/2009 SEPPIR-PR/CRBDBM. Sede: Rua Valdemar Vago, 90 – CEP:26042-000 – Corumbá – Nova Iguaçu – RJ.Tel.(21) 3770-0369 Fax:(21) 3776-5131 Cel.: (21) 9276-2664 Site:www.anangue.com.br / Email: anangue@uol.com.br / anangue@gmail.com

CASA RAIZ DO BENGUÊ NGOLA DJANGA RIA MATAMBACRBNDM/Fundada em 01/01/1965 pelo Tata ria Inkice Ananguê (Jeusamir Alves da Silva)Utilidade Pública/Lei Municipal:3952 .19/12/2008.Certificado de Regularidade Número 438/08 /CMAS/NI CNPJ:32 008 799/0001-59 Rua Valdemar Vago, 90 – CEP:26042-000 – Corumbá – Nova Iguaçu – RJ.Tel.(21) 3770-0369 Fax:(21) 3776-5131 Cel.: (21) 9276-2664 Site:www.anangue.com.br / Email: anangue@uol.com.br / anangue@gmail.com

Ofício nº. 002/2011/CNCACTBB/CRBNDM Nova Iguaçu, RJ, 23 de agosto de 2011.

A Excelentíssima Presidenta Da República Federativa do Brasil.

M.D. Senhora Dilma Rousseff.

Assunto: Luta pela inclusão da História do Povo Bantu, na História do negro na África e no Brasil no ensino fundamental e médio com base na Lei 10.639/2003.

Anexo : 1 (um) Kit "Angola Nação Mãe" composto por um livro e CDs 1 e 2 com cantigas de Candomblé de origem Bantu-Angola, um dos produtos do Convênio nº719027/2009/SEPPIR-PR/CRBNDM.

Senhora Presidenta.

Os Candomblés de origem Bantu-Angola no Brasil representados pela Confederação Nacional dos Candomblés de Angola e dos Costumes e Tradições Bantu no Brasil (CNCACTBB), e apoiados pela Casa Raiz do Benguê Ngola Djanga ria Matamba (CRBNDM),considerando tratar-se de um fato inédito acontecido após mais de 400 anos de espera, vêm mui respeitosamente , através de sua liderança religiosa nacional bantu e representante legal ,Sr. Jeusamir Alves da Silva (Tata Ananguê), apresentar para vossa importantíssima análise e futuro registro histórico, o material em anexo, como um dos avanços conquistado pelo Povo Bantu

Anexo 1

quando da realização do I Seminário Nacional dos Angoleiros do Brasil em 25/26/27 de março de 2010 Nova Iguaçu/RJ– Convênio nº 719027/2009 SEPPIR-PR.

A finalidade desta obra, fruto de pesquisas durante mais de 40 anos, é contribuir para a inclusão da verdadeira história do Negro Bantu, na História do Negro no Brasil e na África já que cronologicamente foi a primeira vertente negra aqui introduzida para o trabalho escravo contribuindo com a sua tecnologia agrícola na cultura da cana de açúcar, do café, do algodão, na industria têxtil, na medicina (através das ervas), na culinária, na musicalidade, na construção de estradas de ferro e de cidades, fazendo com que o Brasil ficasse reconhecido como Nação no exterior, e principalmente na formação da nossa língua em parceria com o indío e o português .Em todos esses séculos a História tem negado a contribuição do negro bantu, classificando-o como menos culto e introvertido e afirmando que apenas contribuiu com o maracatu, samba, o jongo, a capoeira... O que para os pesquisadores, na ocasião, nada representava, mas hoje move turisticamente o nosso país na maioria de suas regiões. Segundo alguns historiadores, em 14 de dezembro de 1890, através da circular nº 29, Ruy Barbosa, então Ministro da Fazenda, mandou queimar todos os livros de Matrículas de escravos existentes nos cartórios das comarcas e registros de posse e movimentação patrimonial envolvendo todos os escravos, para apagar a mancha da escravidão do passado nacional, o que para alguns especialistas foi apenas uma medida para inviabilizar cálculos de eventuais indenizações que vinham sendo pleiteadas pelos antigos proprietários de escravos. Independente do motivo verdadeiro, tal gesto só fez extinguir totalmente o registro da primeira vertente negra introduzida no Brasil. Lembramos também que a introversão do negro bantu era fruto do temor dos rigores da escravidão aplicados desumanamente naqueles que primeiro aqui chegaram, quando se rebelavam quanto ao regime escravocrata. Os estudiosos da época, mesmo comendo maxixe, quiabo, jiló, subindo ladeiras no Beiru, no Kabula, na Muriçoca, dando ou recebendo muxoxos, mesuras, bebendo cachaça, ignoraram essa origem bantu em sua volta subestimando a sua inteligência em prol do povo de origem sudanesa chegado quase 150 anos depois nos meados do século XVII período da descoberta do ouro nas Minas Gerais.

Hoje participando de várias conferências de ensino e observando o esforço do Governo na implementação da Lei 10.639/2003 através dos cursos de capacitação de professores no assunto, não conseguimos identificar nenhum ensinamento referente ao Povo Bantu. Sabemos que a cultura dessas vertentes de matriz africana, vindas para o Brasil emanam de suas religiões. Então quando perguntamos o que esses professores aprenderam, percebe-se que só conhecem a cultura sudanesa falam em orixás (nagô) mas não sabem o que é inkice ou mukixi (Bantu), conhecem Inhasã mas não conhecem Matamba ou Kaiango quando na verdade seriam entidades coincidentes, e assim sucessivamente. Embora vindos do mesmo continente, obviamente são povos oriundos de países com línguas e culturas diferentes. Observemos então que se não atentarmos para esse detalhe, teremos pela frente mais 400 anos de omissão da verdadeira saga do Negro Bantu da África ao Brasil, relegando-o mais uma vez ao ostracismo, como fizeram os nossos primeiros estudiosos do negro no Brasil, por volta de 1900,seguidos por atuais nada interessados em reescrever a história do Negros Bantu no Brasil.

Baseados no slogan que norteia o vosso Governo "País Rico é País sem Pobreza", consideramos que pobreza não é só a falta de condições para se prover, mas também o preconceito, a intolerância e a discriminação. Neste caso, podendo ser combatidos com a informação, já que os mesmos emanam da ignorância. Para que haja igualdade racial é necessário que sejamos considerados iguais dentro da própria raça negra, para juntos e em igualdade de condição possamos lutar pela Igualdade Racial no Brasil e no mundo.

Na certeza de que o Povo Bantu , poderá contar com a vossa ajuda na divulgação do papel que exerceu na construção do nosso Brasil e que está presente no dia a dia das brasileiras e dos brasileiros, quer no falar, no andar , no jeito alegre de viver... E muitas outras qualidades que nos destacam dos outros povos, é que aproveitamos o ensejo para apresentar os mais elevados votos de estima e consideração.

NZAMB I KIAMBOTE KIUENDE! (DEUS ABENÇÕE A PRESIDENTE!)

Respeitosamente,

Jeusamir Alves da Silva

Tata kimbanda Kiá Dihamba Anaguê

Presidente da CNCACTBB e CRBNDM.

Jeusamir Alves da Silva
(TATA KIMBANDA KIA DIHAMBA)
ANANGUÊ
CPF: 221.422.907-87
PRESIDENTE DA CRBNDM E CNCACTBB

ANEXO – B Carta resposta do Gabinete pessoal da Presidência da República.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Gabinete Pessoal da Presidenta da República

Brasília, 08 de setembro de 2011.

JEUSAMIR ALVES DA SILVA
Presidente
Confederação Nacional dos Candomblés de Angola e dos Costumes e Tradições Bantu no Brasil - ANCACTBB
Rua Valdemar Vago, 90 - Corumbá
26042000 - NOVA IGUAÇU - RJ

Prezado Senhor,

Em resposta ao Ofício nº 002/2011/CNCACTBB/CRBNDM de 23/08/2011, endereçado à Presidenta Dilma Rousseff, informamos que o assunto foi encaminhado ao Ministério da Educação pelo Ofício COR/GP/PR: 1272/2011 de 08/09/2011 para análise e eventuais providências.

Cordialmente,

CLAUDIO SOARES ROCHA
Diretor
Diretoria de Documentação Histórica

ANEXO –C Ofício resposta do Ministério da Educão a CNCACTBB/CRBNDM



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
Diretoria de Políticas para Educação do Campo e Diversidade
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Anexo I - Sala 401 – 70.047-900 - Brasília, Distrito Federal, Brasil
Fones: (61)2022 9035 e 2022 9042 - Fax: (61) 2022 9041

Ofício nº.2962/2011/DPECAD/SECADI/MEC

Brasília,31 de outubro de 2011

A Sua Senhoria o Senhor
Jeusamir Alves da Silva
Presidente da ANCACTBB
Rua Vademar Vago, nº. 90
26.042-000 – Nova Iguaçu/RJ

Assunto: **Luta pela inclisão da História do Povo Bantu, na História do negro na África e no Brasil no ensino fundamental e médio com base na Lei 10.639/03.**

Senhor Presidente,

Ao cumprimentá-lo cordialmente, referimos ao Oficio nº. 002/2011/CNCACTBB/CRBNDM, de 23 de agosto de 2011, quanto a inclusão da **História do Povo Bantu, na História do negro na África e no Brasil no ensino fundamental e médio com base na Lei 10.639/03,** consideramos relevante a solicitação proposta e a temática será apresentada aos Fóruns de Diversidade Étnico-Raicial para avaliação e orientação aos sistemas de ensino.

Atenciosamente,

Faria
Viviane Fernandes Faria
Diretora